

Mais que um inventário imagético do Youtube: uma possível leitura da memória na rede

Wilson Oliveira Filho

UNESA

Índice

1 Introdução	1
2 As questões da imagem	5
3 A questão da memória	7
4 As imagens e as coisas.	8
5 Sem-conclusão	10
6 Bibliografia	11

Resumo

Esse artigo estuda o Youtube como uma nova possibilidade de se pensar a imagem na rede mundial de computadores. Com as transformações da técnica e da estética no contemporâneo uma nova discussão sobre a memória entra em cena. Pensar a imagem para entender como o humano lida com a memória é parte desse estudo. Essa pesquisa pode ser resumida através de uma indagação e de uma indignação. A pergunta é “o que é uma imagem?”. Agora sob os holofotes democráticos da web. A repulsa é quanto à pilhéria que se tornou o grande acervo de imagens. O Youtube não pode ser reduzido a paródia. Há espaço, e muito espaço, nessa imagem-arquivo para uma outra conexão com o mundo do audiovisual na rede. Acreditamos elencar aqui alguns pressupostos para uma breve análise da ferra-

menta que recria as imagens e os homens no contemporâneo.

“Se antes nos comprávamos com a oferta do produto médio

capaz de gerar o grande sucesso (*mega hit*),

desprezando os extremos da curva de sino,

hoje descobrimos que habitamos vários desses extremos onde, para melhor ou pior,

somos excepcionais em algo e nossos interesses de fato vibram mais

e se concentram sobretudo nesses extremos”.

Henrique Antoun

“A tela não é mais uma portajanela (por trás da qual...),

nem um quadro plano (no qual...), mas uma mesa de informação sobre

a qual as imagens deslizam como “dados””

Gilles Deleuze

1 Introdução

Compreender as imagens que a rede mundial de computadores cria para codificar a imagem da própria rede como o *locus* de uma nova relação do homem com os dispositivos audiovisuais parece ser uma das formas de se repensar as novas tecnologias. Lida a partir de dicotomias e por si só imersa em uma relação conflituosa com a mídia de massa, a internet passa por uma nova jornada. A partir da concepção de Marshall McLuhan que propõe os meios de comunicação como extensões do homem, ferramentas da imagem como o *Youtube*, o *Second life*, o *photosynthesis* e o *google map* parecem recriar os homens; estendem os homens para outros lugares, para outras vertentes. Outras possibilidades da imagem surgem na rede, o que nos leva a considerar necessário uma outra leitura do audiovisual no contemporâneo. Esse artigo nasce da tentativa de mapear o universo visual e sonoro na grande rede, compreendendo as implicações com a memória e as reverberações desse fenômeno nas esferas da estética, da política e da cultura.

No seio de uma sociedade informacional, a análise de novos dispositivos imagéticos, de novas imagens, de outras formas de difundi-las são elementos decisivos para a compreensão da rede como mais que um banco de dados. Inicialmente um banco de textos; hoje um arquivo audiovisual sem igual. Refletir que não mais assistimos as coisas da mesma forma de outrora, seja a partir do meio, seja partindo da mensagem, pode ser embarcar na aventura sensorial e ambivalente que as imagens da rede criam, despertam e circulam. Resistir com as imagens da rede aos ditames dos *mass media* pela criação, participação e experimen-

tação, através da dinâmica da rede mundial de computadores e de sua nova possibilidade advinda com a *web 2.0* que, para além de um rótulo, consolida uma postura de colaboração e especialização do uso é continuar afirmando que navegar é preciso. Dos hipertextos às imagens na rede (talvez possamos já considerar o fenômeno das ‘hiperimagens’), de certo novos regimes para o audiovisual precisam ser pensados.

Em um artigo sobre o *Frindster*¹ - particularmente sobre o movimento *fake* que invade as comunidades virtuais como um todo - Danah Boyd reflete sobre a passagem do modelo de aldeia global mcluhaniano para o de uma outra tribalização, para compreender assim o perfil de um novo público que surge na rede mundial de computadores. Se a imprensa, como bem pensou McLuhan, criou a idéia de público (McLuhan, 1967: 15), a comunicação mediada pelo computador destarte cria algo a mais. Essa é a tônica não somente do artigo de Boyd, mas como a de diversos outros teóricos da cultura do virtual a esteira de McLuhan. Mas é mais ainda: é uma necessidade de compreender a sociedade da informação e seus produtos nos dias de hoje. Esse novo painel que a *web* revela tenta aqui ser vetorizado com um único sentido: uma análise das imagens na internet, enfatizando o fenômeno *Youtube*².com; e em duas direções...

¹Danah Boyd, None of this is Real: Identity and Participation *IN* <http://www.danah.org/papers/NoneOfThisIsReal.pdf>. Acesso em 24 de junho de 2007.

² O domínio do site www.youtube.com foi criado em fevereiro de 2005 por três funcionários da *PayPal* entrando “no ar” em maio do mesmo ano. Pode ser definido brevemente nessa apresentação como um *site* de compartilhamento de vídeos. Em meados de 2006, o *google* arrebatou o *youtube*.

A primeira surge com a enxurrada de informações³ que a rede mundial de computadores começou a projetar nos anos 90, e que, com a entrada em cena das imagens em movimento no movimento da cibercultura atualmente, faz a rede se constituir não mais como a biblioteca de babel, mas como um novo acervo iconográfico, possibilitando uma nova forma de se conceber e de se conectar as imagens na internet.

Analisar as imagens da rede constitui um novo desafio no universo da pesquisa em comunicação. Para o estudioso dos meios, para mais uma vez lembrarmos McLuhan, o desafio é tão grande quanto a própria rede. Sem começo nem fim, o Youtube *consolida-se*. Fiquemos aqui, a guisa de introdução, com um breve exemplo em forma de pergunta. Que imagem é aquela que vemos no *Youtube* em termos formais e em termos de um conteúdo que se cerca por outras imagens da rede?

Em termos formais assistir uma tela dentro de outra tela já constitui por si só uma nova imagem⁴. Ao pensarmos tais imagens,

³ O teórico da cibercultura Pierre Lévy não poupa a imagem do dilúvio em termos, agora, informacionais. *Bits e bytes* em uma descarga entrópica substituem o imaginário bíblico em nome da urgência da sociedade da informação mediada pelas novas tecnologias. Cf Pierre Lévy, *Cibercultura*, São Paulo, Editora 34, 2001. Nicholas Negroponte é outro que não pode deixar de ser nessa nota mencionando. Do pingo à chuvarada é a forma como o autor tenta representar a evolução da comunicação mediada pelo computador. Cf Nicholas Negroponte, *A vida digital*. São Paulo, Cia das letras, 1995. Particularmente o capítulo 2. Otimistas quanto às possibilidades do novo meio, Lévy e Negroponte percorreram o imaginário da rede antes que as imagens invadissem-na.

⁴ Há alguns anos já nos acostumamos com pequena tela dentro dos monitores de computador. Em alguns aparelhos de televisão recursos como o PIP

dissociando meio de conteúdo, as possibilidades entram em terreno novo e inexplorado. Caleidoscópio de mediações. Conteúdo puro. Se não dissociarmos figura e fundo, a imagem advinda com a cibercultura - ou com as novas mídias - é uma imagem de imagens. E da mesma forma, possibilidades. Puro meio. De um jeito ou de outro essa indagação nos coloca diante de um novo paradigma das imagens na rede. Radiografar essas imagens e impactos sobre a sociedade brasileira é acima de tudo uma necessidade (e pretensão de um trabalho maior).

A segunda direção é balizada pela questão da memória. A relação entre imagem e memória ganha na ambiência novas possibilidades. Proust talvez tenha previsto o fenômeno das imagens na rede. Na visão de seu comentador Brassäi, a relação entre imagem e memória parece-nos beirar um breve acesso ao site *Youtube*.

Domínio desconhecido, ateliê do passado, abarrotado de campanários, rostos de raparigas, flores murchas, mil outras formas em que toda vida está morta. Logo a memória é para Proust ora uma imensa biblioteca, arquivos “tão vastos de que grande parte nunca iria examinar”, ora um tesouro desconhecido escondido bem ao nosso alcance, porém quase inacessível. (Brassäi, 2005: 155-156)

Propor que as imagens na rede são além de arquivos, tesouros, é passear por um mundo novo de conceitos do âmbito do audiovisual

(*Picture in Picture*) já existe há algum tempo. O *Youtube* potencializa essa questão material, evidentemente porque a pequena tela “carrega” de forma mais rápida. Na rede, por esse prisma, a tela é a mensagem.

atrelado as novas tecnologias. Do universo semiótico a uma análise puramente midiática, passando pelos regimes deleuzianos de imagem - a reboque de Henri Bergson - para compreender o cinema ou, por exemplo, pelo recente método de Arlindo Machado para levar a televisão a sério, a imagem na rede, as imagens da rede recolocam o problema das imagens para o homem contemporâneo. O universo das novas tecnologias recondição a relação do homem com suas imagens e sons. Na frente da tela ou no celular, o homem deveio um produtor de imagem. Somos todos homens com câmeras e distribuimos pela internet nossos produtos (por falta, evidentemente, de melhor palavra). Esses produtos, para além do bem e do mal, reforçam o caráter libertário da rede.

Preende-se com esses vetores aqui tematizados compreender como a imagem passeia lado a lado com as novas tecnologias da informação para não esquecer que na rede, a imagem, tal qual a interface homem/máquina parece possuir uma relação ao mesmo tempo democrática e anárquica, atual e virtual, orgânica e maquinica no mesmo sentido que recortou Ieda Tucherman.

Internet, ciberespaço, realidade virtual são novos modos de interação homem-máquina. A máquina é o novo ambiente da experiência. Na integração que se põe em movimento entre seres biológicos e maquínicos, corpo e pensamento, matéria viva e inerte, carne e silício, nossas referências tradicionais ficam abaladas e questões novas surgiram: o fim-do-mundo e dos tempos, os paradoxos temporais, a comunicação com “inteligências” demonstrando formas de vida radicalmente diferentes, as

desconstruções múltiplas das diferenças entre natural e artificial, humano e não humano, real e virtual, as mutações e reconstruções dos corpos humanos, as transformações do político. (Tucherman, 2004: 13)

A máquina-imagem que desnaturaliza velhas dicotomias, sobretudo entre real e artificial nos auxilia a compreender e talvez presenciar um novo Estado como propõe Derrida em seu *Papel-máquina* (2004). As dimensões do político não são aqui esquecidas. Com Derrida

Imaginemos a fundação de um novo Estado num *site* de internet (com ou sem as instâncias clássicas: constituição, voto, assembléia, poderes legislativos, executivos, judiciários independentes, etc.; com ou sem reconhecimento por parte da comunidade internacional, ao cabo de um processo mais ou menos tradicional, etc). O que distinguiria então esse estado? O fato de seus sujeitos-cidadãos jamais terem se visto ou se encontrado? Um estado virtual cujo lugar fosse um site da internet, um Estado sem solo, seria –eis a questão que nos orienta _ um Estado intelectual? Um Estado cujos cidadãos fossem essencialmente intelectuais, intelectuais *enquanto* cidadãos? Uma questão de ficção científica? Não acredito de modo algum. (Derrida, 2004: 214)

O uso das imagens na rede mundial de computadores através de sítios como o *Youtube* resgata um universo fecundo de possibilidades para a democracia, para uma nova intelectualidade, para uma nova relação

entre homem e meio, mediada pelas imagens; para um outro cidadão que agora prefere escolher que ser escolhido. Questão de ficção científica? Não acreditamos de modo algum. As possibilidades do audiovisual na rede são elementos para se pensar nesse Estado. As possibilidades democráticas do homem em rede têm as imagens ao seu lado.

2 As questões da imagem

Não é de hoje que a imbricação entre os suportes é característica dos estudos de mídia. Burke e Briggs pensam os iconotextos e a própria relação entre oralidade e o texto impresso nesse registro (Briggs e Burke, 2002: 53 – 57). Diante de um novo quadro desenhado pela tecnologia mapear um universo por menor que seja das imagens é tentar buscar indícios para o entendimento do meio e da problemática secular das imagens. Afinal, a eterna pergunta o que é uma imagem encontra-se ainda sendo respondida. Se entendido como propõem os historiadores o termo multimídia ainda nos ajuda a ler as imagens e sons na rede mundial de computadores. Suporte dos suportes, meio dos meios, a rede é agora imagem⁵.

A questão das imagens na internet e seu mapeamento apontam para uma classificação que não pode parar de ser feita. Que não deve parar de ser feita. Um mapa tão grande como o lugar que este representa, ou um lugar que habita todos os lugares como

⁵ Em entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura, Beatriz Sarlo frisou que a teia é o local ainda do texto. Acreditamos que com ferramentas como os *flogs* e o *Youtube* um novo paradigma tenha chegado ao universo da cibercultura. O programa foi ao ar em 22/10/2007.

nas metáforas de Borges que a todo tempo se relacionam com *a world wide web*. A rede e agora suas imagens são multiplicidades⁶.

Acreditamos que a relevância de um recorte como o que propomos aqui caminha pela nova organização que a sociedade da informação preconiza. Em tempos de democratização do acesso, compreender o desafio que as imagens da rede trazem consigo nesse momento pode ser situar nos estudos da informação um novo momento da pesquisa sobre as novas tecnologias.

A rede oferece um sem número de opções audiovisuais. Da cultura do “*spoof*”⁷ as imagens raras do primeiro cinema. Do hit “Tapa na pantera” ao poema para o *Youtube*⁸ é relevante encontrar um mecanismo pra navegar no mar desconhecido dessas novas imagens. Ao postarmos o nome Marx, por exemplo, o primeiro vídeo localizado era o clipe da música pop “Right here waiting”, de Richard Marx. Um vídeo sobre Karl Marx só aparece na segunda página. Para encontrarmos o divertidíssimo “The Public Sphere

⁶ Assim como não chegaremos a última página da rede, ou a do meio, não chegaremos a última imagem. O termo multiplicidades é caro aqui a Gilles Deleuze. O comentador Zourabichivili observa um alcance inédito do conceito: a idéia de algo que se divide mudando de natureza, encontrada em obras como *Diferença e repetição* e nos platôs 1, 2,10 e 14 de *Mil platôs*. O *Youtube* parece se guiar por essa lógica e daí a dificuldade de se pensar uma metodologia para classificar e analisar os vídeos. Para mais referências ao termo ver François Zourabichivili, *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: relume Dumará, 2003, p. 70-73.

⁷Resumidamente spoofs são os vídeos em forma de paródia que invadem a internet. Para mais detalhes ver Erick Felinto, *Videotrash: O Youtube a Cultura do “Spoof” na Internet*, XVI Encontro da Compós, Curitiba, 2007.

⁸<http://www.youtube.com/watch?v=hHNHaqqfR68>

and The Internet w/ host Karl Marx'⁹ o melhor é refinar a busca. A grande questão que sobressai aqui é de dimensão estética¹⁰. Ressaltar o esforço que uma possível taxionomia e o entendimento da questão central (a imagem-rede) têm para os estudos sobre a imagem no contemporâneo é importante ao pensarmos a imagem-arquivo que o Youtube lança mão nos dias de hoje. Se uma civilização do audiovisual teve sua confirmação ou reificação com a televisão nos dias de hoje precisamos pensar de outras formas as imagens do Youtube. Mais próximo de como, brilhantemente, refletiu sobre a televisão Arlindo Machado:

Na minha opinião, a televisão é e será aquilo que nós fizemos dela. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa. Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação, a o discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade contribuindo para a construção de um conceito e de uma prática de televisão. O que esse meio é ou deixa de ser não é, portanto, uma questão indiferente às nossas at-

⁹ <http://www.youtube.com/watch?v=bHixAB3NKo8>

¹⁰ Como bem colocou Henrique Antoun em observação a palestra de Derrick de Kerckhove, *Novos hábitos de leitura na cibercultura* (em 5 de novembro de 2007), através do exemplo da wikipedia, onde Homer Simpson tem mais relevância que Homero pela quantidade de informação postada na wiki por nós é preocupante. No universo das imagens do Youtube, questões como o elogio do trash e a dificuldade em refinar a busca em nome de achar produtos culturais mais "sérios," em um momento onde a velha mídia de massa ainda aproveita para massacrar os fenômenos da internet, apontam na mesma direção da observação de Antoun.

itudes com relação a ele (Machado, 2000: 12)

As imagens da rede mundial de computadores serão aquilo que fizemos delas. Assim como o bom encontro com vídeos como o de Marx, não o Richard, evidentemente, se dá fruto de um melhor entendimento das imagens da rede. Se o vídeo mais assistido no www.youtube.com pelos brasileiros no final de agosto de 2007 era o vídeo do dente da senadora Heloisa Helena¹¹ que caiu não há problema, o problema está no fato de outros vídeos não figurarem como os mais vistos. Em recente premiação de um canal de televisão¹² para o melhor vídeo da internet, o vídeo de um palavrão frequentemente repetido foi o vencedor. Bom uso dos meios, perguntaria o entusiasta da televisão séria? O esforço em mapear o *Youtube* é uma atitude em relação a essa ferramenta que coloca a televisão em um outro patamar.

Conhecer, mapear e, sobretudo, compreender o destino das de imagens da rede mundial de computadores nos parece fundamental para entender não só o fenômeno anterior, mas para de fato melhor conhecer os vídeos mais representativos, mais uma vez com o perdão da má palavra, para os internautas.

Cartografar as imagens que invadem a rede no momento da explosão das imagens na internet; entender as ferramentas que criadas e recriadas estabelecem uma nova forma de ler as imagens, de ver os sentidos. As imagens na rede criam um novo ambiente. Novos ambientes como já obser-

¹¹ O episódio ocorreu no programa de Tv brasileiro 'Opinião nacional' em 23/08/2007. O vídeo no *Youtube* figurou entre os cinco mais assistidos no mundo inteiro.

¹² Refiro-me ao VMB 2007 do canal MTV Brasil.

vou McLuhan geram novas formas de percepção. Aqui o lado estético encontra-se com o político. Tecnologia como advertiu McLuhan significa “constante revolução social” (McLuhan, 1967 :40). O novo ambiente parece, no entanto, inverter a máxima que preconizava os meios de comunicação como extensões do homem. O homem como uma possível extensão dos meios que diversas imagens tentam cada vez mais prenunciar¹³ faz dos novos *media* um novo local de compreensão da comunicação e da cultura.

Com efeito, de que imagem estamos falando ao assistirmos um filme inteiro ou partes dele no *Youtube* em nossos computadores? Certamente sob os olhos da técnica não estamos refletindo sobre a imagem mosaicada de quando McLuhan se referia à televisão, apontaria alguém. Um espectador mais atento também sabe que ao assistir um filme “baixado” da internet não vive a mesma experiência do cinema. Falamos então de um novo encontro mediado por uma nova mídia. Entender os efeitos desse encontro é importante para entender a imagem-arquivo em questão.

Acreditamos, a reboque de diversos estudiosos da rede e da sociedade em rede, não só na potência dos meios digitais, mas na capacidade de conhecer um pouco mais o mar aberto de possibilidades da internet, nave-

¹³ Nesse sentido pensando a relação de McLuhan com o cinema propus a desconstrução da idéia dos meios de comunicação como extensões do homem em minha dissertação de mestrado desenvolvida na ECO UFRJ, sob orientação de Ieda Tucherman. A partir da leitura de Marshall McLuhan tentei com o cinema propor uma nova forma de conceber as imagens nos dias de hoje. O imaginário como uma forma de pensar em conjunto técnica e estética. Oliveira, Wilson Filho, McLuhan e o cinema: o homem como possível extensão do homem, UFRJ, 2006.

gado pela cooperação e pela interação entre os usuários. Para além de novas dicotomias acerca das imagens na rede, nossa hipótese aqui é refletir sobre o meio e suas ferramentas mapeando tanto os vídeos feitos somente para o “uso” na rede ou a apropriação que a rede faz de outro meio (TV, cinema, fotografia). A indagação que se precipita é somente uma: Seria o *Youtube* realmente mais que um acervo de imagens no contemporâneo?

3 A questão da memória

Uma vez mais com o amadurecimento de um meio, a questão da memória parece entrar em cena com as imagens dos sites por aqui já mencionados. Debruçar-se sobre essas imagens para compreender a memória, para além da idéia de banco de armazenamento, é refletir que a memória que as imagens da rede fornece é uma memória sempre presente, que os meios de comunicação de massa e a internet, até o surgimento de ferramentas como o *Youtube*, não possuíam de forma direta. A cibercultura nos convida mais do que nunca ao entendimento das imagens por ela criada. No entanto, o fenômeno do uso das imagens em movimento na rede é recente. Esse artigo tenta apontar para um outro convite: Compreender as imagens na rede propondo um inventário, uma taxionomia, um mapeamento, uma cartografia das imagens na *world wide web* a partir da matriz de pensamento que preconiza a diferença como referencial do contemporâneo. Uma memória do *Youtube* pela sua volatilidade – alguns vídeos entram e saem do ar em velocidade espantosa – e o *Youtube* como ferramenta da memória do homem pela sua literalidade – os vídeos parecem criar um out-

ro ambiente das imagens na rede que confere ao homem uma outra conexão com suas lembranças.

A idéia que Derrick de Kerckhove encerra seu livro “A pele da cultura” de que “um novo ser humano está para nascer” (Kerckhove, 1997: 284) parece ter no dispositivo imagético uma constatação. Dos tempos hiperestimulados que antecedem o início do cinema e marcam a modernidade (Singer, *In Charney e Schwartz*, 2004) aos tempos hipermodernos - ou qualquer outra denominação para o contemporâneo¹⁴ - entendemos uma nova possibilidade de encarar as imagens. Esse novo ser humano através de suas tecnologias é um ser-da-memória. Um novo ser humano parece nascer na rede mundial de computadores. O homem-máquina que pauta-se pela interação. Interagir com imagens ajudamos com o porquê de nossa preocupação. A imagem pensada como um “acontecimento aleatório, ponto de chegada de um processo, que remete ao jogo de toda uma série de mediações específicas que o traduzem e o conduzem até o estágio de imagem terminal” (Renaud, 1989: 11-27) parece ter na rede sua confirmação. Pelas linhas retorcidas da rede, a memória é cada vez mais social. As imagens terminais do *Youtube* a toda hora convocam o homem a se conectar com a memória. Tais conexões entre memória e a imagem no ambiente virtual podem traduzir para o homem hiperconectado uma nova for-

¹⁴ Refiro-me ao dilema da denominação do contemporâneo, fora a de contemporâneo. Nomes derivados ou críticos da condição pós-moderna como modernidade líquida, modernidade reflexiva, projeto inacabado de modernidade, modernidade tardia tentam dar conta cada um a sua maneira das questões do presente. A expressão hipermodernidade é de Gilles Lypovetski

ma de ler o mundo. Tudo aquilo que a televisão digital promete e ainda não cumpre tem em ferramentas como o *Youtube* sua verificação. Mais uma vez lembramos que a internet não se trata mais somente de uma biblioteca de babel com o registro imagético invadindo a rede mundial de computadores, ela relaciona-se com uma nova configuração da memória. De uma memória individual para uma nova conexão com o outro.

Fenômenos como as comunidades virtuais, *blogs* e *fotologs*, as trocas de arquivo *peer to peer* e, recentemente, ferramentas como o *Youtube* e o *Second life* não só redimensionam a problemática da memória na contemporaneidade como introduzem um novo plano na interface homem/meio.

4 As imagens e as coisas.

Para explicarmos não só o título desse trabalho, mas nossa grande preocupação nesse artigo recorreremos a Foucault (e seu método para compreender as ciências humanas). Uma breve conexão com o prefácio de *As palavras e as coisas* se faz necessária. Depois da explicação do que o motivou a pensar o livro – o texto de Borges sobre “uma certa enciclopédia chinesa”- Foucault coloca que nasce uma suspeita de que “há desordem pior que aquela do incongruente e da aproximação do que não convém: (...) a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei, nem geometria” (Foucault, 1992: 7) Sem lei e forma, O *Youtube* se constitui como o novo acervo da memória na atualidade. Uma arqueologia do *Youtube* se faz necessária.

Entender o *Youtube* mais próximo também da sua porção de meio dentro do meio, mape-

ando a desordem e ambivalência nos situa na primeira parte de nossa proposta de codificar as imagens e as coisas.

Um estudo mais detalhado de algumas características materiais do meio é pensado a partir daquilo que Kerchove classifica como Escola de Toronto¹⁵. Sobretudo, McLuhan nos serve de ponto de partida para pensar um novo “estado” com a rede mundial de computadores através do dispositivo imagético. O recorte de Vinícius Andrade Pereira pensando McLuhan como um teórico categórico da memória, com a idéia de que o prolongamento da consciência se daria não somente no acúmulo de conhecimento, “mas, principalmente, com as novas possibilidades de rearranjar tais conhecimentos, através das mídias eletrônicas” (Pereira, 2004, p.149-150), auxilia nossa passagem para unir materialidade a memória.

A retomada dos estudos de Bergson na atualidade ajuda-nos a ingressar mais a fundo na questão desse Funes agora em rede. Bergson não atribui ao cérebro nem a função de “representar” idéias nem mesmo a função de arquivar lembranças. É nesse sentido que pensamos a relação entre memória e as novas imagens na rede mundial de computadores. A função seria a de experimentar o meio. Nesse sentido, a partir de um estudo sobre determinados tipos de rede Henrique Antoun pensa-as como um filme ex-

¹⁵ Eu estava impressionado com o fato de que Harold Innis, Eric Havelock e McLuhan, os três principais acadêmicos que pensaram os sistemas de comunicação criaram definitivamente “estados” sociais e psicológicos, eram todos da Universidade de Toronto. (tradução do autor). Cf Derrick de Kerckhove, McLuhan and the “Toronto School of Communication”, *IN* http://www.mcluhan.utoronto.ca/article_torontoschoolofcomm.htm. Acesso em 25 de abril de 2005

perimental “De fato as formas de narrativa experimental cinematográficas estão muito mais próximas da realidade narrativa desenvolvida nas redes de teia de aranha”¹⁶. Só assim podemos tentar construir uma espécie de metodologia para mapear o *Youtube* e compreender os efeitos via memória dessa vivência na temporalidade.

Embora não fosse pretensão de Gilles Deleuze analisar as novas imagens eletrônicas ou numéricas, ao final de *A imagem-tempo*, o autor coloca a necessidade de dar continuidade nesse sentido. Observa Deleuze “E a própria tela(...) não parece mais remeter à postura humana, como uma janela ou ainda um quadro, mas constitui antes uma mesa de informação, superfície opaca sobre a qual se inscrevem “dados””. (Deleuze, 1985: 315)

Por fim, com Huyssen, através da idéia de uma “arqueologia de dados” (Huyssen, 2000:33), acreditamos que essas imagens são um novo objeto da memória. Como muitos pensadores da cibercultura indagam nos dias de hoje as mídias tradicionais enfrentam hoje a “concorrência” do virtual. Por exemplo, a internet parece desterritorializar¹⁷ a televisão que se retorritorializa através do digital em um meio outro. A qual-

¹⁶ Henrique Antoun, Cooperação, Colaboração e Mercado na Cibercultura, *In* http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/ecompos07_dezembro2006_henriqueantoun%20.pdf.l Acesso em 22 de junho de 2007.

¹⁷ Partilhamos aqui também da idéia de Gilles Deleuze da marca que faz o território. Como comenta François Zourabichvili “(...) o conceito de território decerto implica o espaço, mas não consiste na delimitação objetiva de um lugar geográfico” François Zourabichvili, *O vocabulário de Deleuze*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004, p.46.

quer momento podemos refrescar a memória através de um vídeo que gostamos e nos conectar a ela por intermédio de uma simples pesquisa. A qualquer momento fazemos TV. No meio do caminho dos meios, a memória se depara com alguma outra imagem em movimento. Somos no *Youtube* mais ou menos como o personagem Joel Barish de “Brilho eterno de uma mente sem lembranças” (Michel Gondry, 2003). Lutamos para reter o que gostamos com o auxílio das imagens. Lutamos para ver aquilo que queremos ver. Só que por trás dessa luta uma série de outras estão. Como citado no filme mencionado um dos aforismos de Nietzsche sobre a memória é preciso ser lembrado: “Abençoados os esquecidos, pois desfrutaram até dos próprios erros”. Em meio a preocupação com a memória podemos esquecer as modas do *Youtube* para encontrar na ferramenta um novo brilho das imagens?

5 Sem-conclusão

A idéia de arquivo em Michel Foucault, a rebouque do que foi dito sobre *As palavras e as coisas* anteriormente, “de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (Foucault, 2007:147) é de fundamental relevância para uma possível genealogia do *Youtube*. As imagens na rede criam novas redes discursivas. Extratos... E a partir desses extratos um novo arquivo. Complementa Foucault:

Mas o arquivo é também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se grupem umas com as outras em figuras dis-

tintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas. (Derrida, 2001:8)

É na idéia de arquivo, de uma grande imagem-arquivo que tentamos pensar um possível desdobramento das questões trazidas com esse texto. Tomemos também o conceito de arquivo como apontado por Derrida, conceito que pertence a um “momento na história da técnica” (*Id., Ibid*) e que precisa compreender “que futuro terá a psicanálise na era do correio eletrônico” (*Id., Ibid*), por exemplo. Com as imagens na rede não só a psicanálise parece ter que se preocupar com seu futuro. “Como falar de uma ‘comunicação dos arquivos’ sem tratar primeiramente dos arquivos dos meios de comunicação” (*Id., Ibid*), questiona Derrida.

Miríade de possibilidades traz a temática do arquivo, da técnica de arquivamento no contemporâneo. Em meio a esse sem-número de possibilidades o arquivo audiovisual que se tornou o *Youtube* redefine também a própria relação do homem com a imagem. Da aliança entre a facilidade de produzir conteúdo, sobretudo com as câmeras dos telefones celulares, com a comodidade de distribuir conteúdo no *Youtube* e nas diversas comunidades virtuais (que permitem agora *links* para os vídeos), a ferramenta recria não só a internet, mas o homem. Constatação do cine-olho preconizado por Dziga Vertov, mas também reificação de uma so-

cidade cada vez mais pautada pela ordem do espetáculo.

Lembrar Vertov, não significa esquecer Debord, pelo contrário. As teses número 4 e 34 do autor francês ainda e cada vez mais precisam ser lembradas. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (Debord, 1997:14), diz a primeira delas. “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que torna imagem” (*Id., Ibid:* 25) nos lembra a tese que encerra o primeiro capítulo da obra *A sociedade do espetáculo*. Nesse cenário não olhar para o Youtube é deixar para trás uma mudança na esfera da comunicação e da cultura.

Mapear, através de uma seleção temática os vídeos postados por internautas é parte do caminho a ser seguido nas pesquisas sobre o *Youtube*. Aliar o referencial foucaultiano a uma seleção do grande arquivo de imagens na internet para interpelar a memória e talvez o saber. Na mesma corrente, Pierre Lévy parecer ter proposto ao lado de Michel Authier seus cinemapas. “A cartografia do espaço do saber não pode apoiar-se na estatística puramente quantitativa” (Lévy, 2007:163). O autor reitera uma das fórmulas para se navegar que pode auxiliar na busca por um método de selecionar outras imagens na rede.

Um intelectual coletivo entrega-se a navegações em um universo informacional móvel: um cinemapa surge dessa interação. No cinemapa, o universo informacional (ou o banco de dados) não é estruturado *a priori*, segundo uma organização transcendente (...) Não é regulado tampouco por médias ou distribuições estatísticas à maneira mercantil. O cinemapa desenvolve o espaço qualitativamente diferenciado dos atributos de todos

os objetos do universo informacional. (*Id., Ibid:* 163-164)

Assim essas imagens e essas coisas que “transformam-se, perdem e adquirem atributos o tempo todo” (*Id., ibid:* 164). Nossa “quase metodologia” parece esbarrar em uma questão metodológica também encontrada em Deleuze. Badiou nos ajuda com o que pretendemos. “Sem dúvida o método de Deleuze exige que se parta de um caso. (...) Trata-se sempre de apontar *casos do conceito*” (Badiou, 1997: 22/23). Do “caso” *Youtube* devemos partir para os nossos conceitos. Conceitos que tentamos nesse artigo passear e que futura pesquisa tenta dar conta. Que imagem é essa que assistimos na internet e que leva modelos¹⁸ a exigirem a retirada do ar do site mais visto pelos internautas? Que imagem é essa que sai da televisão, do cinema, da fotografia, da pintura e se transforma em uma memória viva? Que imagens são essas que colocam a disposição do contemporâneo o grande arquivo de nossa existência? Sem dúvida um rizoma informacional, salas de aula sem paredes e nenhuma, nenhuma Verdade.

6 Bibliografia

Antoun, H. (2006), *Cooperação, Colaboração e Mercado na Cibercultura*, In http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/ecompos07_dezembro2006_henrique-antoun%20.pdf [consultado a 22 de junho de 2007].

¹⁸ Refiro-me ao caso envolvendo Daniela Cicarelli e a tarde em que o site www.youtube.com ficou desabilitado para os brasileiros.

- Badiou, A. (1997), *Deleuze-O clamor do ser*. Rio de Janeiro: JZE.
- Bergson, H. (1999), *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes.
- Briggs, A & Burke, P. (2002), *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: JZE.
- Boyd, D. *None of this is Real: Identity and Participation In* www.danah.org/papers/NoneOfThisIsReal.pdf [consultado a 24 de junho de 2007].
- Brassäi. G. (2005), *Proust e a fotografia*, Rio de Janeiro, JZE.
- Debord, G. (1997) *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Deleuze, G. (1985), *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1992), *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- Derrida, J. (2004), *Papel máquina*. São Paulo: Estação liberdade.
- _____. (2001), *Mal de arquivo – Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Felinto, E. (2007), *Videotrash: O Youtube a Cultura do “Spoof”*, XVI Compós.
- Foucault, M. (1992), *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2007). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense.
- Huysen, A. (2000), *Seduzidos pela memória*, Rio de Janeiro, Aeroplano.
- Kerckhove, D. (1997) *A pele da Cultura*, Lisboa, Relógio d’água.
- _____. *McLuhan and the “Toronto School of Communication”*, IN www.mcluhan.utoronto.ca/article_torontoschoolofcomm.htm.
- Lévy, P. (2001), *Cibercultura*. São Paulo: Editora34.
- _____. (1996), *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34.
- _____. (2007), *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola.
- Machado, A. (2000), *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora Senac.
- McLuhan, M. (1964), *Os meios de comunicação como extensões do homem*: São Paulo, Cultrix.
- _____. (1967), *A galáxia de Gutenberg*, São Paulo: Cia Editora Nacional.
- _____. (1967). *The mechanical bride*. New York: Beacon Press.
- Negroponte, N. (1995), *A vida digital*. São Paulo: Cia das letras.
- Oliveira, W. (2006), *McLuhan e o cinema: O homem como possível extensão dos meios*, Dissertação de mestrado, UFRJ, 2006.
- _____. (2005), *Um rizoma, um Aleph ou mais uma característica de um meio*, In *Contracampo*, Vol 12, UFF.

Pereira, V. (2004), *Consciência e memória como objetos da comunicação: O approach de Marshall McLuhan*, In Revista Famecos, nº 24, Porto alegre, 2004

Rénaud, A. (1989), *Pensare l'Immagine Oggi. Nuove Immagini, Nuovo Regime del Visibile, Nuovo Immaginario*. In Videoculture di Fine Secolo. Napoli, Liguori.

Tucherman, I. (2004), *Corpo e narrativa cinematográfica* In Corpo, técnica e subjetividades Revista de comunicação e linguagens, número 33, Lisboa: Editora relógio d'água.

Zourabichivili, F. (2003), *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.